

# Redução do acesso e da procura poderia prevenir a violência

Rebecca Peters, directora da IANSA/Rede Internacional de Acção sobre Armas Ligeiras, defendeu ontem, em Coimbra, a redução do acesso e da procura de armas como forma de prevenir a violência armada.

“Temos de reduzir a

procura, porque se esta continua a indústria tenta sempre vender mais”, afirmou Rebecca Peters aos jornalistas, à margem do seminário “Violência e Armas Ligeiras: Um Retrato Português”, que começou ontem no Centro de Estudos Sociais (CES) da

Universidade de Coimbra.

Segundo a directora da IANSA (International Action Network on Small Arms), movimento que opera em 120 países, “a procura e a oferta de armas estão muito ligadas”.

“Uma razão para as



personas quererem uma arma é porque os outros têm. Se reduzirmos a proliferação de armas, também diminuiremos a procura”, referiu.

Rebecca Peters salientou, também, a importância da cooperação internacional, o aumento da idade legal para se poder possuir uma arma e a obrigação de se apresentarem justificações para a pretender.

“É necessário mudar a lógica: ninguém pode ter uma arma, a excepção é quem tem autorização para a ter. Muitos países ainda não fizeram esta mudança”, afirmou.

De acordo com dados facultados pela directora da IANSA, em Portugal verifica-se uma média de 85 homicídios por ano com armas de fogo, grande parte devido a violência doméstica.

“A presença de uma arma de fogo aumenta 12 vezes a possibilidade de a vítima ser morta”, disse Rebecca Peters na sua intervenção no evento.

Ao intervir no seminário, organizado pelo Núcleo de Estudos para a Paz do CES, o secretário-geral do Observatório Permanente sobre Produção, Comercialização e Proliferação de Armas Ligeiras, Fernando Roque Oliveira, lamentou que, apesar da “legislação avançada” nesta matéria, Portugal ainda não tenha ratificado alguns acordos internacionais importantes neste domínio.

“Em Portugal estamos a viver um período que terminará com a produção de um grande número de excedentes, pois as armas das Forças Armadas vão ser substituídas. Devemos tentar, como sociedade, que estas armas não alimentem o fluxo de venda de armas no mundo”, disse ainda o secretário-geral daquele organismo ligado à Comissão Nacional Justiça e Paz.

O seminário, que decorre até esta sexta-feira, insere-se no projecto

de investigação do CES “Violência e Armas Ligeiras: Um Retrato Português”, que visa traçar “uma agenda de investigação e acção no domínio do controlo de armas em Portugal”.

“Partimos de uma realidade muito preocupante, razoavelmente conhecida a nível mundial, mas muito pouco conhecida à escala nacional. Estamos a lidar com um universo profundamente desconhecido”, salientou o investigador responsável pelo projecto, José Manuel Pureza.

Segundo José Manuel Pureza, “duas dimensões praticamente ignoradas” são os factores que motivam a procura de armas em Portugal e os efeitos sobre as vítimas, directas ou indirectas, da violência com armas de fogo.

“Nós, académicos, temos o dever de contribuir para a sociedade com um conhecimento mais rigoroso nesta matéria”, realçou o investigador do CES.